

## ASPECTOS DO ETNOCONHECIMENTO DA COMUNIDADE DE BOM SUCESSO-MT, COMO SUBSÍDIO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Eliane Dias de Almeida<sup>1</sup>  
Carla Maria Abido Valentini<sup>2</sup>  
Juliane Dias de Almeida<sup>3</sup>

**RESUMO:** Na busca de se formar pessoas dispostas a reconstruir muito do que já se perdeu do meio ambiente, é preciso ouvir comunidades tradicionais que aprenderam a sobreviver com natureza, e registrar seus aspectos sociais, biológicos, culturais e éticos, também já ameaçados pela rápida urbanização. Neste trabalho o objetivo foi realizar o registro de aspectos do etnoconhecimento da população ribeirinha de Bom Sucesso - MT, localizada no município de Várzea Grande-MT. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada com questões fechadas e/ou abertas. Conclui-se que a comunidade ainda é povoada por parentes dos primeiros povos que residiram na região, e que poucos têm conseguido sobreviver das suas atividades econômicas e culturais mais importantes: a pesca e a produção de rapadura.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade, sociedades tradicionais, resgate cultural.

## ASPECTS OF THE COMMUNITY BOM SUCESSO-MT ETHNOKNOWLEDGE AS SUBSIDY FOR ENVIRONMENTAL EDUCATION

**ABSTRACT:** In seeking to train people to rebuild much of what has been lost from the environment, we hear that traditional communities have learned to survive with nature, and record their social, biological, cultural and ethical, has also threatened by rapid urbanization. In this work the objective was to perform the registration of ethnoknowledge aspects of the riverside population of Bom Sucesso - MT, located in Varzea Grande-MT. Using the semi-structured interview with closed questions and / or opened. It is concluded that the community is still populated by relatives of the first people who lived in the region, and few have managed to survive their economic and cultural activities more important: the fishing and the production of rapadura

**Keywords:** Interdisciplinarity, traditional societies, cultural redemption.

---

<sup>1</sup> Profa MSc do IFMT- campus Cuiabá – Bela Vista

<sup>2</sup> Profa Dra do IFMT – campus Cuiabá – Bela Vista e-mail: [carla.valentini@blv.ifmt.edu.br](mailto:carla.valentini@blv.ifmt.edu.br)

<sup>3</sup> Bióloga – pesquisadora voluntária na pós-graduação de Agricultura Tropical - UFMT

## INTRODUÇÃO

O conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, através de séculos de estreita relação com a natureza, desempenha papel fundamental para a manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais. Vários autores têm proposto formas de se avaliar a interação destas populações com os recursos naturais de que dispõem, pois cada vez mais se reconhece que a exploração dos ambientes naturais por povos tradicionais pode nos fornecer subsídios para estratégias de manejo e exploração que sejam sustentáveis a longo prazo (Amorozo, 2002).

O Cerrado do Brasil Central destaca-se pelas formações vegetais muito ricas do ponto de vista botânico, sendo cada uma delas responsável pela origem e manutenção da diversidade biológica (Pasa & Guarim Neto, 2000), portanto é premente a necessidade de medidas que visem à preservação das áreas remanescentes de cerrado. Dentre outras, uma ferramenta essencial é o resgate dos valores culturais e ambientais que permeiam este espaço, pois há atualmente, um crescente reconhecimento de que o envolvimento da população local é o elemento principal que está faltando nas estratégias de manejo de conservação (Mariscal et al., 2006).

Uma das formas de realizar esse registro e esse resgate é o relato oral. O relato oral sempre foi a maior fonte de dados e transmissão de conhecimentos de uma geração para outra. Ensinos e tradições foram preservados e transmitidos por meio de rituais, danças, músicas, orações, conversas, e acabaram sendo encobertos por culturas ditas principais (Marquetti & Siva, 2008).

Registrar esses relatos é uma investigação que propicia um caminho pedagógico da prática de educação ambiental, visto que o aprendizado se dá pelo contato com populações tradicionais que subsistem mantendo e recriando seus conhecimentos sobre a natureza e seus ciclos, adquiridos com seus antepassados.

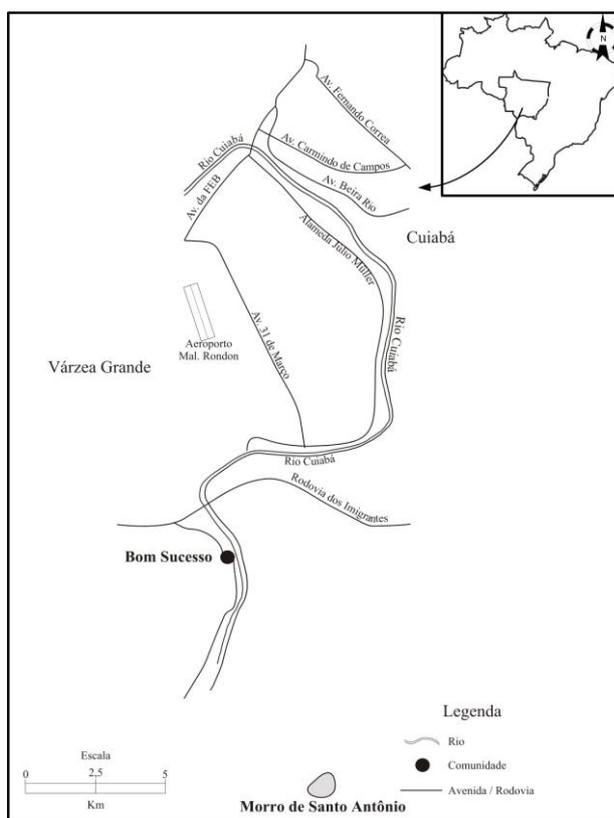
Sob esta perspectiva, este estudo fundamenta-se numa abordagem interdisciplinar, permitindo conexões entre as ciências naturais e humanas, cujo objetivo foi realizar o registro de aspectos do etnoconhecimento da população ribeirinha de Bom Sucesso - MT, de maneira a permear a prática da educação ambiental para alunos do curso Técnico Integrado de Meio Ambiente do Instituto Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso.

## MATERIAL E MÉTODOS

### *Área de estudo*

A comunidade ribeirinha Bom Sucesso (15°42'54,23"S e 56°06'21,64"O) é um dos distritos do município de Várzea Grande – MT criado pela lei nº 126 no dia 23 de dezembro de 1948, e confirmada por lei 9.583 no dia 24 de dezembro de 1948, situada às margens do rio Cuiabá, a 152 m metros acima do nível do mar (Figura 1). O clima está na categoria Aw da classificação de Köppen, tropical semi-úmido, com totais pluviométricos entre 1.000 e 1.500

mm, temperatura anual entre 15°C e 32°C, e A umidade relativa do ar com a média anual em torno de 74% (Valentini, 2009).



**FIGURA 1 - Localização do Distrito de Bom Sucesso no Município de Várzea Grande-MT.**

O solo é classificado por Argissolo vermelho amarelo distrófico, de textura arenosa/média (Machado et al., 2009), e a vegetação é composta por savana arbórea aberta (cerrado), capoeira e mata ciliar (Oliveira, 2008).

Situada a 15 quilômetros do centro de Várzea Grande, é um lugarejo com 2.955 habitantes (IBGE, 2007) formado por ruas estreitas, com sua rua principal, paralela ao rio Cuiabá, com mais de um quilômetro de extensão, calçada com blocos de cimento e ladeada por casas, geralmente próximas umas das outras, com poucas cercas ou muros, quintais grandes e arborizados, e portas que se abrem no passeio, onde as pessoas costumam sentar (Campo, 2006).

### **Coleta de dados**

Os dados foram coletados em novembro de 2008 utilizando-se a técnica de entrevistas semi-estruturadas (Albuquerque et al., 2008), com questões fechadas e/ou abertas, sendo uma parte introdutória referente aos dados sócio-econômicos do informante, e a outra parte com questões relacionadas ao patrimônio imaterial, educação ambiental e cidadania com enfoque na pesca e produção de rapadura, e os quintais. Os entrevistados foram escolhidos ao acaso por grupos de estudantes do curso Técnico Integrado de Meio Ambiente do IFMT.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Aspectos sócio-econômicos*

Foram entrevistadas 23 pessoas da comunidade; 9 homens e 14 mulheres, sendo 18 deles nascidos e criados em Bom Sucesso, dois nascidos em outras comunidades da Várzea Grande, dois em Cuiabá- MT um em Acorizal-MT, porém esses moram no local desde que se casaram ou foram criados lá.

Segundo Giménez apud Barrero et al. (2000) esta seria a identidade histórica e patrimonial, pois os moradores em sua grande maioria são todos nascidos nesses lugares, assim são poucos os “estranhos”, como são chamadas as pessoas que não nascerem nas comunidades, prevalecendo os laços de consangüinidade que aliado a outros fatores, consolidou práticas sociais e culturais que foram passadas de geração em geração e que ainda fazem parte da vida das pessoas. Na fala de uma moradora de 77 anos registrou-se a importância desses laços familiares na comunidade:

Nasci e criei aqui, é uma beleza, uma tranquilidade graças a Deus! Não tem nada de roubo, a gente fica com casa aberta até 10 horas da noite, né, é só parentada, cada uma na sua comunidade vive na pobreza né, mas agradece a Deus ...aqui mesmo eu é só parentagem...

Dos entrevistados 15 pessoas (69,5%) possuem mais de 59 anos de idade, que corresponde a um número representativo de pessoas detentoras do saber local.

A religião católica é predominante entre os entrevistados, pois apenas 3 se disseram evangélicos. A maioria estudou apenas no local, sendo que mais da metade deles (60,83%) cursou apenas os quatro primeiros anos escolares.

Dos que responderam sobre o ganho familiar mensal (16 entrevistados), 43,75% recebem um salário mínimo, 37,5% dois salários mínimos e 18,75% mais que dois salários mínimos. Há uma relação direta entre grau de escolaridade e renda mensal.

#### *Patrimônio imaterial*

Dos informantes que responderam sobre o patrimônio imaterial, observou-se que as pessoas mais idosas relacionam o tempo de origem do local à sua própria idade, ou seja, o surgimento de Bom Sucesso teria ocorrido há uns 80 anos. Já as pessoas de um maior grau de escolaridade informaram que o surgimento da comunidade aconteceu antes mesmo da cidade de Várzea Grande-MT, em 1863.

A memória em seu aspecto histórico-social, é por excelência, pertinente aos idosos. Eles a mantêm resguardada e precisam dela para sobreviver. Por intermédio das lembranças, mantêm vivas as tradições familiares, a memória de quem já partiu, das antigas brincadeiras, das ruas e das casas antigas, das árvores, dos pássaros, dos rios, das matas, de sua vida enfim (Almeida, 2001).

Sobre os primeiros habitantes, somando-se as informações relatadas, a comunidade é fruto de um processo de busca por veio aurífero, que os aventureiros e plantadores de roças almejavam descobrir, o que levou a ocupação e povoamento da região a partir da primeira metade do século XIX por bandeirantes, índios da etnia Guanás e escravos. O nome citado como primeiro colonizador do local é Sr. Justino Antonio da Silva Claro, cujas terras serviam para plantio de cana-de-açúcar e produção de rapadura e pinga. Inclusive a origem do nome é atribuída ao “bom sucesso” de produção de cana-de-açúcar pelo sr. Justino. Com sua morte, seus herdeiros dividiram a área de terras e acomodaram-se nelas, cultivando lavouras, e dando início a

uma pequena vila que se tornou no atual distrito de Bom Sucesso. Essas informações são confirmadas por Monteiro [19-].

Moravam em casebres de pau a pique, taquara, massa-barro e adobe na beira do Rio Cuiabá, até vir uma enchente de 1974, que segundo eles “levou tudo”, obrigando-os a construir suas casas de alvenaria um pouco mais longe.

Relataram com saudade, que os moradores do local subsistiam de suas lavouras e pesca, mas hoje isto já não é possível a todos, e agregou-se a economia do local a venda de rapaduras, doces regionais, artesanatos, e peixarias, que atualmente são doze, já que o distrito tornou-se rota turística. Há também muitas pessoas que, por falta de emprego no local, trabalham fora da comunidade.

Possuem uma escola municipal e um centro comunitário, as danças preferidas atualmente são lambadão e rasqueado, e antigamente siriri e cururu. As brincadeiras mais citadas são de roda, da cadeira e bocha. Como se trata de uma comunidade ribeirinha, cuja pesca foi por muito tempo o meio de sobrevivência de grande parte da população, a festa religiosa mais importante para eles é de São Pedro, protetor dos pescadores, e as lendas mais difundidas também são relacionadas ao rio, como minhocão e negrinho d’ água. A casa de memória do local não subsistiu por falta de recursos. Os meios de transporte utilizados são bicicletas, transporte coletivo (ônibus), carroças, canoas, carros de boi e raramente carros.

### ***Educação ambiental e cidadania***

Dos entrevistados, 80% disseram não haver projetos de meio ambiente no local, e sobre os atores sociais para execução desses projetos 20% apontaram a Cooperativa de Pescadores e artesão de Pai André e Bom Sucesso (COORIMBATÁ), 40% uma possível participação futura da UFMT, e os demais não reconheceram nenhum deles.

Dos informantes, 60% apontaram como maior dificuldade encontrada no local o fato de não possuírem posto de saúde, 30% a segurança pública, e 10% a qualidade da água. Há no mês, apenas uma vinda previamente marcada de um médico do Posto de Saúde de Souza Lima, uma comunidade vizinha. Não há equipamentos de segurança na comunidade, nem informações afixadas sobre áreas ecologicamente sensíveis. Não há placas de trânsito indicando redução de velocidade, há dois telefones públicos, um em frente à escola e outro em frente ao centro comunitário e uma lan house.

Não existe coleta seletiva, e a coleta de lixo municipal é feita uma vez por semana. O óleo usado pelas peixarias é recolhido duas vezes por mês pela UFMT, que paga R\$ 4,60 a cada 20 litros de óleo, e os usa na produção de biodiesel, sendo que nenhum dos informantes faz uso do mesmo para produção de sabão. Há em média um banheiro por residência, e o esgoto das casas e estabelecimentos comerciais é jogado “in natura” no rio Cuiabá. Há muitos resíduos nas imediações do rio, e nenhuma placa indicadora sobre proibições de mergulho no mesmo.

Dos informantes, 60% utilizam produtos da mata, especialmente madeira para produção de canoa, frutos para consumo próprio e plantas para preparo de remédios caseiros. Açam importante preservar a mata por questões climáticas (20%), porque as árvores “dão sombra” (20%), e os demais para que as gerações futuras possam desfrutar dessa abundância. A caça na mata só é praticada por 20% dos informantes para consumo próprio, sendo citados os animais de caça: veado, porco do mato e capivara.

### ***O peixe e a rapadura***

Sobre a pesca no rio Cuiabá, 66,67% ainda o fazem em média 4 vezes por semana. Desses 75% usam a canoa e 25% pescam no barranco. Pescam o suficiente para alimentar a família, e a melhor época para pesca apontada por 66,67% dos informantes é de maio a setembro, denominada por eles de “época do pintado”, e para os demais de setembro a dezembro. Os peixes citados na pescaria foram: pacu (25%), seguido de pintado, piau, bagre (16,67% cada), e jaú, pêra, e dourado (8,33% cada). Todos disseram pescar com linha, e as principais iscas são: minhoca (37,5%), muçum, tuvira, caranguejo, massa e peixe pequeno (12,5% cada). Um pescador ensinou que se deve usar a isca dependendo do peixe que se quer pegar, como por exemplo, para pacu: gafanhoto, para piau: caranguejo, para jaú: pequenos peixes, e para pêra, bagre e pintado: minhoca.

A importância da pesca para 75% dos entrevistados está relacionada à sua sobrevivência, e para 25% como preservação das tradições passadas de pai para filho. Por contraste, esses ribeirinhos que possuem peixarias no local servem pacu, comprado de tanques de uma chácara próxima, e pintado de Barra do Bugres -MT. Todos os informantes apontaram a construção da Usina de Manso em 1999, como a possível causa da drástica diminuição dos peixes do local, que segundo eles alterou o ciclo dos peixes. Fica explícito na fala do sr. Painha, de 78 anos, como a comunidade tem perdido suas principais referências:

Antigamente, nós aqui era só rapadura... peixe era só pra comê, não tinha cobiça. Em setenta pra cá venho a cobiça do peixe, eu mesmo assisti, eu mesmo me criei cõ peixe, eu mesmo! Quando botava a rede, lanceava a rede, cercava aquele lote de peixe. Pra que? Pra puxá no barranco do rio pra apodrecê, pra soltá de novo no rio, pra urubu comê? Era só pra tirá o óleo... de 5.000, 6.000 pacú, e agora?

Antes mesmo da construção da barragem, Lima (1986/87) alertou sobre as possíveis alterações negativas na composição ictiofaunística, especialmente sobre a população dos peixes migradores, que ficariam impedidos de subir o curso do rio e completar o ciclo reprodutivo.

O professor de ciências da escola disse que as crianças da comunidade também já sentem a problemática da pesca, e expressaram em seus desenhos um rio Cuiabá antes com peixes, e hoje no lugar dos peixes lixo, latas, garrafas.

A pesca nessas comunidades tradicionais não pode ser vista somente como um trabalho profissional, mas como um conhecimento cultural, e segundo a Coordenadoria da Defesa Civil do Estado de Mato Grosso, engana-se quem pensa que o rio Cuiabá não esteja morrendo. Dos seus 29 afluentes, 19 estão exauridos. Como bem disse o sr. Painha: “*O Rio está morrendo, está no hospital, está na UTI...*”.

Foi triste também testemunhar que dos mais de 30 engenhos que havia no local, apenas 6 subsistem, sendo que apenas um conserva a tração animal. São engenhos centenários passados de pai para filho, que trabalham em condições não muito apropriadas de higiene, cujos proprietários são também os produtores da cana-de-açúcar que utilizam apenas mão-de-obra familiar. A cana utilizada é do tipo paranaense, não usam corretivo para o solo, nem adubação química para o plantio da mesma, apenas adubação orgânica que utiliza o próprio bagaço da cana com suas folhas logo após o corte, que também é manual, e não se faz queima da palhada. O transporte da cana para o engenho é feito em carros de bois pelo dono do engenho. O galpão de moagem é aberto, e apuração do ponto do melado, como eles dizem, é “visual”. O cozimento e o batimento do melado são feitos em tachos de cobre, e a fornalha é alimentada por lenha das matas virgens próximas à lavoura da cana, ou pelo próprio bagaço da cana. Muito curioso, que eles usam cascas de “chico-magro”, uma espécie do cerrado, para tirar a “sujeira” do melado. A rapadura é embalada no próprio engenho em sacolinhas plásticas e não possuem nenhum selo de identificação e de registro do produto. São comercializadas no próprio local para turistas, nos

restaurantes, e quando há oportunidade em algum evento. Disseram que há uma queda de produção no período das chuvas devido ao aumento de água na cana e diminuição do açúcar.

Foi importante registrar que os mais idosos da comunidade, ou seja, os resistentes estão tentando manter em meio a todas as dificuldades, a herança cultural que receberam. Isto reside no fato de que o idoso tem uma forte ligação com seu lugar. Afinal, todas as suas lembranças estão enraizadas em seu espaço, em sua paisagem habitual. A modificação da paisagem da qual faz parte da sua vida - a velha casa que não resistiu, o rio que lhe rendia boas pescarias - todos continuam vivos, preservados em sua memória, na memória de seu grupo. Já os jovens, cuja ligação com o espaço ainda é frágil, não sentem da mesma forma as modificações cada vez mais rápidas, que passam às vezes despercebidas por eles (Almeida, 2001).

### *Quintais*

Dos entrevistados 100% tem o quintal localizado atrás das residências e plantam no mesmo, aprendizado recebido de seus pais e avós. O tamanho dos quintais variou de 25 m<sup>2</sup> a 8.868 m<sup>2</sup>, e sobre sua importância para a família houve 15 citações, sendo que a mais lembrada foi para o lazer (45,45%), como o local de brincadeira das crianças, festas e almoços de família.

Dos informantes, 80% dedicam um tempo do dia para cuidar do quintal, 10% dedicam 3 vezes por semana, e 10% apenas semanalmente. 33,33% relataram que toda a família cuida do quintal, 25% a mãe, 16,67% o pai, 16,67% paga alguém para fazer o serviço, e 8,33% os filhos. Interessante observar que são justamente as pessoas mais idosas as que mais se dedicam aos cuidados do quintal, e que no caso daqueles que por motivo de saúde pagam para alguém cuidar, tem filhos em casa que não se interessam por esse aprendizado. Um morador desabafou:

Tô cansado! Filho não quê sabê de trabalhá na roça...vou vendê!

O plantio nos quintais citados é especialmente para consumo próprio (72,73%), e medicamento, comida para animais e sombra (9,09% cada). Observou-se que apesar de 60% dos informantes se queixarem da falta do posto de saúde no local, há um aproveitamento irrisório do quintal para o cultivo de plantas medicinais, e mesmo que 90% tenham respondido utilizar o espaço também para plantas medicinais, quem citou um maior número de espécies, apontou quatro para este fim. Na Tabela 1 são apresentadas as espécies apontadas como medicinais, a sua forma de preparo e o uso referido.

**TABELA 1 – Plantas medicinais de quintais da Comunidade de Bom Sucesso, parte da planta utilizada, forma de preparo, e uso referido.**

Nome local	Nome científico (Família)	Parte utilizada	Forma de preparo	Uso referido
Arnica	<i>Solidago chilenses</i> Meyen (Asteraceae)	galhos	Chá	Tosse
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L. (Rutaceae)	folhas e talo	Chá	Cólica/vistas/mau-olhado
Babosa	<i>Alloe vera</i> L. (Liliaceae)	polpa	in natura	Queimadura
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews (Lamiaceae)	folhas	Chá/sumo	Estômago
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L. (Asteraceae)	flores/folhas	Chá	Calmante
caninha do brejo	<i>Costus spicatus</i> (Zingiberaceae)	folhas	Chá	Urina
Colônia	<i>Alpinia speciosa</i> Schum. (Zingiberaceae)	folhas	Chá	Coração
erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) Blume (Verbenaceae)	folhas	Chá	Calmante
erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> (Apiaceae)	folhas	Chá	Gripe
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L. (Phytolaccaceae)	folhas	Sumo	Cicatrizante
Hortelã	<i>Mentha piperita</i> L. (Lamiaceae)	folhas	Chá	Garganta
Romã	<i>Punica granatum</i> L. (Punicaceae)	casca	in natura	dor de garganta
santa maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (Chenopodiaceae)	folhas	Chá	Inflamação
Tapera	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit (Lamiaceae)	folhas	Chá	Estômago
Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze (Amaranthaceae)	talo	Chá	Inflamação
Vick	<i>Mentha sp.</i> (Lamiaceae)	folhas	Chá	bronquite/garganta/descongestionante

A família mais citada foi a Lamiaceae (25%), e a categoria de uso mais utilizada (31,25%) corresponde a doenças do aparelho respiratório. O termo “doenças culturais” refere-se às manifestações interpretadas como doenças e que não apresentam uma causa fundamentada cientificamente (Pinto et al., 2006), e correspondeu a apenas (6,25%).

Dos informantes, 70% consideraram não ter plantas nativas em seus quintais, 100% relataram ter plantas frutíferas, 50% afirmaram ter roças, e 70% ter hortas. Das 22 espécies frutíferas, a mais citada é a manga (12,24%), para as roças, é a cana-de-açúcar (25%), e para as hortas a cebolinha (23,33%). Para 80% deles a pior época para se cuidar do quintal é no período chuvoso, que para esta região compreende os meses de outubro a março. Os que citaram a forma de plantar utilizam sementes e mudas. Sobre os restos de folhas da capina do quintal, 50% aproveitam para fazer adubo, 40% queimam e 10% jogam no lixo. Apenas 10% relataram comprar adubo para misturar com a capina do quintal, os demais não usam nenhum tipo de insumo.

Sobre a criação de animais, 80% possuem animais em seu quintal, sendo 50% desses animais de estimação (cachorro), 43,75% para consumo (37,5% corresponde a galinhas e 6,25% a porco), e 6,25% de gado utilizado para carro de boi. Os animais de estimação são criados soltos e os demais em local cercado. A alimentação dos animais é feita com restos de comida (70%), e com cana, ração e milho (10% cada).

Os quintais são considerados extensão da residência familiar e, como tal, são locais de convivência e socialização e contribuem para manter vivas tradições locais, na medida em que fornecem elementos (plantas medicinais, frutas, hortaliças, mudas de plantas, etc.) que circulam

pela rede social juntamente com informações sobre seus empregos e significados (Amorozo, 2002).

A este respeito, como se percebeu que também nos cuidados do quintal, há um desinteresse dos mais jovens do local, é oportuno refletir sobre a hipótese feita por Brodt (2001), na qual o “quintal é um *locus* potencial de resistência para a manutenção e transmissão do conhecimento tradicional”, ou seja, quando pela modernização e urbanização, as antigas estratégias de subsistência são abandonadas, e todo conhecimento associado a elas, os conhecimentos praticados nos quintais permanecem por mais tempo.

Deste modo, as formas de manejo dos recursos naturais das comunidades tradicionais, suas formações simbólicas, suas práticas culturais e suas técnicas tradicionais, que representam o saber de várias gerações que vivem *da e para* a natureza (Pasa, 2007), precisam ser investigados, documentados, e principalmente, restaurados através de pesquisas que dêem suporte para que isso não se perca com o tempo.

## CONCLUSÕES

A Região de Bom Sucesso ainda é povoada por parentes dos primeiros povos que residiram na região, mas poucos têm conseguido sobreviver das suas atividades econômicas e culturais mais importantes: a pesca e a produção de rapadura.

A pesca é feita com linha especialmente utilizando-se canoas, feitas com madeira da mata local, e os engenhos apesar de utilizarem energia elétrica, usam a mesma tecnologia dos antepassados.

O rio Cuiabá que outrora foi o berço de lendas, irrigou as lavouras e fartou as mesas desses ribeirinhos, hoje não lhes dá nem o peixe que servem nas peixarias do local.

Os quintais são referências em especial como locais de lazer da família, e são cuidados pelos mais idosos da casa.

Não há nenhuma casa de cultura no local, nem projetos ambientais e culturais que resgatem a memória dessa comunidade.

**Agradecimentos:** Aos alunos das turmas e 2482A-7/1 e 2482B-7/1 do Curso Técnico Integrado de Meio Ambiente do IFMT.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. A.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: NUPPEA, 2008. 323p.

ALMEIDA, R. C. A memória dos idosos como instrumento de avaliação dos impactos da urbanização sobre os recursos hídricos. In: FELICIDADE, N.; MARTINS, R. C.; LEME, A. A. (orgs). **Uso e Gestão dos Recursos Hídricos no Brasil**. São Carlos, ed. RIMA, 2001. p. 40-53.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

BRODT, S. B. A system perspective on the conservtion and erosion of indigenous agricultural knowledge in Central India. **Human Ecology**, v. 29, n.1, p. 99-120, 2001.

CAMPO, L. M. C. **A paisagem simbólica de Bom Sucesso e Limpo Grande, em Várzea Grande – MT**. 2006. 184f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT. 2006.

GIMÈNEZ, G. Território, cultura e identidades. La región sociocultural. In: BARRERO, J. M. ROCHE, F.L.; ROBLEDO, A. (eds) **Cultura y Región**. Bogotá: Ces/Universidad Nacional/Ministerio de Cultura, 2000, p. 87-132

LIMA, J. A. F. A pesca no Pantanal de Mato Grosso: importância dos peixes migradores. **Acta Amazônica**, v.16/17, p.87-94,1986/87.

MACHADO, A.Q.; ROMIO, A. M. G. CHITARRA, G. S. **Seleção de cultivares de tomate para plantio em Várzea Grande-MT**. UNIVAG Centro Universitário. Grupo de Produção Acadêmica de Ciências Agrárias e Biológicas, Várzea Grande-MT. Disponível em <[http://www.abhorticultura.com.br/biblioteca/arquivos/Download/Biblioteca/46\\_0256.pdf](http://www.abhorticultura.com.br/biblioteca/arquivos/Download/Biblioteca/46_0256.pdf)>. Acesso em 24 de janeiro de 2008.

MARISCAL, A. A.; BINDER, A.; NUNES, C, E, P. et al. **Lendas, contos e estórias curiosas sobre o Cerrado**. In: Santos, F.A.M., Martins, F.R. & Tamashiro, J.Y. (orgs.). Relatórios da disciplina BT791 - Graduação em Biologia, IB, UNICAMP, p. 52-57, 2006.

MARQUETTI, D.; SILVA, J. B. L. História oral e fragmentos da cultura popular cabocla. **Revista eletrônica Nau literária**, v.4, n.1, p. 1-7, 2008.

MONTEIRO, U. **Várzea Grande Passado e Presente confrontos 1867-1987**. Cuiabá: Ed. Policromos, [19-]. 229 p.

OLIVEIRA, A. G. **Avaliação das temperaturas superficiais do solo em relação à conformação urbana existente na Praça do Aeroporto Marechal Rondon em Várzea Grande/MT**. 2008. 81f. Dissertação (Mestrado em Física e Meio Ambiente)-Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT. 2008.

PASA, M. C. Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá-MT. Cuiabá: Editora da UFMT, 2007.143p.

PASA, M. C.; GUARIM NETO, G. Matas de galeria e os recursos vegetais: um estudo etnoecológico no Vale do Aricá, Mato Grosso. In: III Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal - Os Desafios do Novo Milênio, 2000. **RESUMOS...2000**.

VALENTINI, C.M.A. **Aspectos etnobotâncios, fenológicos, agronômicos e químicos da *Siparuna guianensis* Aublet no cerrado de Mato Grosso**. 153f. Tese (Doutorado em Agricultura Tropical)- Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT. 2009.